Amazônia, populações tradicionais e conflitos territoriais

Autora: Luisa Setton

2º semestre /2012

Roteiro de atividades didáticas

No artigo teórico produzido para esta disciplina, procurei construir um panorama da região Norte do país, trabalhando conceitos sobre a geografia da região e seus diferentes biomas; sobre a arqueologia, as populações tradicionais e o processo de etnificação e de luta pelos direitos sobre as terras. Por fim, levantei de forma breve fatos históricos sobre a ocupação e a exploração econômica da região, que ajudam a compreender os atuais conflitos e quais os atores neles envolvidos.

Para as atividades didáticas, no entanto, optei por trabalhar com apenas duas questões principais: a exploração de mapas e os conceitos de cultura, etnocentrismo e diversidade cultural. Acredito que o aprofundamento da compreensão dos alunos a respeito do histórico de ocupação e de exploração econômica da região, terceiro eixo do texto teórico, requerem o domínio de conceitos das disciplinas de História e Geografia. Conceitos tais como os modelos de desenvolvimento empreendidos pelo governo brasileiro, os ciclos econômicos que aconteceram no país, entre outros, são de maior complexidade, que poderiam ser trabalhados, se inseridos em um projeto coletivo que abrangesse as disciplinas de Sociologia, História e Geografia.

Nesse sentido, optei por criar uma atividade que trabalhe o conhecimento sobre a diversidade ambiental da região e a exploração de mapas e duas atividades para trabalhar os conceitos de cultura, etnocentrismo e diversidade cultural, temas centrais para se compreender a região Norte do país. Com o intuito de tornar a compreensão da teoria mais palpável, utilizei algumas referências que não estão presentes no artigo teórico, mas que ajudam a ilustrar os conceitos trabalhados.

Atividade 1

Exploração de mapas e desconstrução do senso comum sobre a Amazônia.

Objetivos:

- ✓ Conhecer a diversidade ambiental da região norte do país;
- ✓ Confrontar a perspectiva do senso comum (retratada em notícias de jornal) e as concepções prévias dos alunos, com a realidade observada nos mapas durante a atividade.

Recursos necessários: Mapas sobre a região Norte e notícias de jornal que falem sobre ela. Se a escola tiver recursos, pode ser realizada navegação em sites com mapas interativos ou utilizada a ferramenta do *Google Earth*.

Previsão de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos
1º aula: Observação dos mapas
2º aula: Apresentação das observações dos alunos e conclusão da atividade, feita pelo professor.

Dinâmica utilizada:
Aula 1

- ✓ Como lição de casa, os alunos devem trazer para esta aula notícias que falem sobre a região norte do país;
- ✓ O professor pode pedir para alguns alunos contarem sobre as notícias que trouxeram e aproveitar este momento para levantar quais são os assuntos, as palavras ou as imagens que os alunos lembram, quando se fala em Amazônia. Seria interessante anotar as respostas dos alunos na lousa para que depois possam ser melhores visualizadas e confrontadas;
- ✓ Em seguida, o professor pode dividir a sala em grupos de 5 pessoas, de forma que cada grupo observe um mapa diferente;
- ✓ Cada grupo observa um mapa e escreve apontamentos sobre o que estão observando, durante 10 minutos;
- ✓ Em seguida, trocam-se os mapas e os alunos novamente apontam observações;
- ✓ Realizam-se quantas trocas forem possíveis durante o período de uma aula;

Aula 2

- ✓ Os alunos apresentam suas observações;

- ✓ O professor conclui a atividade mostrando que embora a região norte do país seja associada somente à floresta amazônica, existem diversas realidades, seja na esfera cultural, seja na esfera ambiental;

Sugestão de roteiro de observação para os alunos:

1. Quais estados estão inseridos nesta região;
2. Quais países fazem fronteira com o Brasil nesta região;
3. Os diferentes biomas que compõem a região:
4. Quais os principais rios;
5. Quais são as capitais e as grandes cidades da região;
6. Quanto as Áreas Protegidas, demarcadas pelo governo – Essas áreas demarcadas tem os mesmos nomes? Quais serão as diferenças? Como será o processo de nomeação e reconhecimento dessas terras?
7. É possível observar diferenças em relação ao desmatamento? Quais seriam os fatores que geram o desmatamento?

Sugestão de mapas para serem utilizados:
Mapas do site do **Imazon** – Instituto do Homem e Meio Ambiente, disponíveis em:
Link: http://www.imazon.org.br/mapas
Ver sugestão de mapas selecionados no **Anexo** (pg.13)

No caso de haver possibilidade de realizar a atividade com computadores e acesso a internet, recomendo a utilização do mapa interativo, disponível no site “De Olho Nas Terras Indígenas”, produzido pelo ISA – Instituto Socioambiental:
Link: http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/brasil

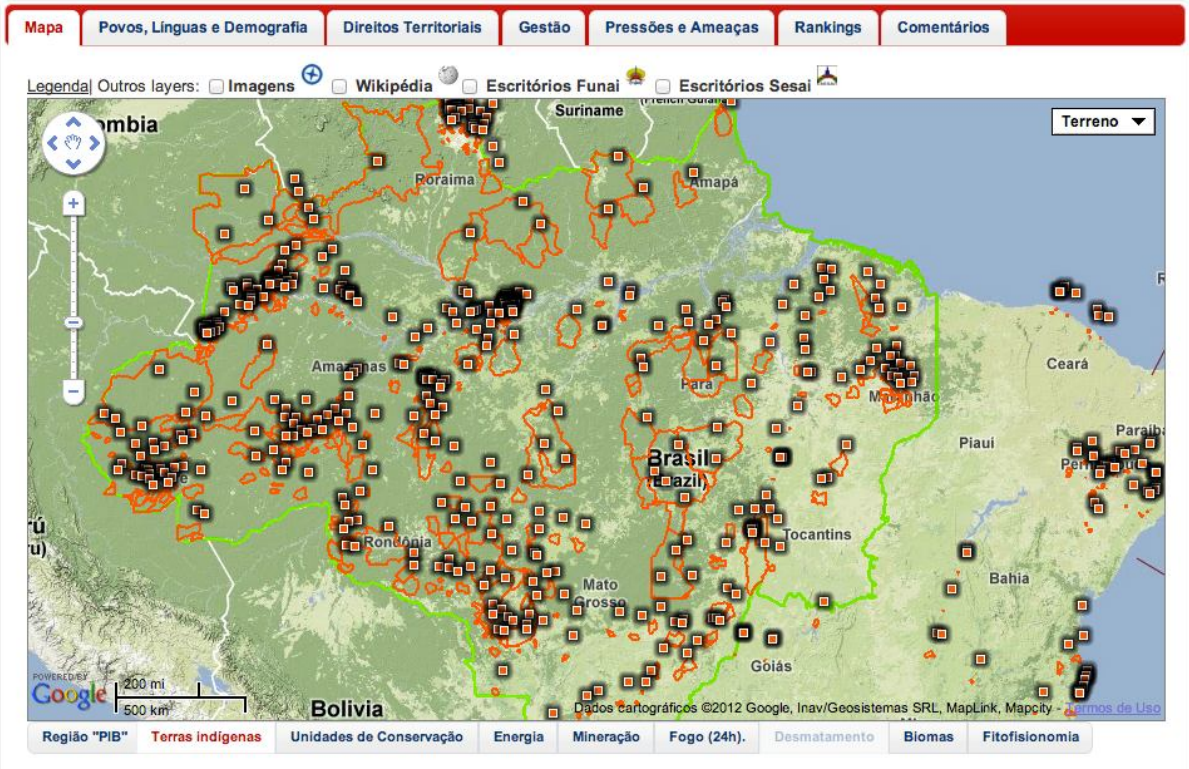
Abaixo, na imagem, é possível visualizar uma linha com diversas abas:

- Região “PIB”;
- Terras Indígenas (opção que corresponde à imagem abaixo);
- Unidades de Conservação;
- Energia;
- Mineração;
- Fogo (24h);

- Desmatamento;
- Biomas;
- Fitofisionomia.

Acredito que a exploração dessas diferentes leituras sobre a região seria bastante rica, pois, de maneira interativa e através de simples navegação, o mapa mostra diversos aspectos sobre a região. Interessante notar que o aluno pode sobrepor duas abas, combinando *Terras Indígenas* com *Desmatamento*, por exemplo.

Mapa retirado do site "De Olho nas Terras Indígenas"



Atividade 2

Etnocentrismo e diversidade cultural

Objetivos:

- Proporcionar o estranhamento do aluno em relação ao seu cotidiano;

- Abordar, através da literatura, características sobre a região norte do país;
- Apresentar um autor de literatura que aborda realidades relacionadas à região amazônica;
- Trabalhar o conceito de etnocentrismo;
- Introduzir o tema da diversidade cultural, com a intenção de construir uma percepção crítica e informada sobre as populações tradicionais que habitam a região.

Recursos necessários:

- Cópia de trecho do livro de Milton Hatoum;
- Televisão, aparelho de DVD e uma cópia dos vídeos sugeridos gravada em DVD, ou
- Datashow, tela ou parede para projetar a imagem, computador e caixa de som.

Previsão de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos.
1º aula: Leitura do texto e tempo para escrever a resposta
2º aula: Discussão sobre etnocentrismo e diversidade cultural
De acordo com a recepção da classe sobre os temas trabalhados, talvez seja necessário dedicar mais uma aula para discussão dos conceitos.

Dinâmica utilizada:

- ✓ Apresentação do autor;
- ✓ Leitura em conjunto com a classe de um trecho do livro *Dois Irmãos* de Milton Hatoum;
- ✓ Solicitar que os alunos pensem sobre sua realidade e seu cotidiano, a partir da leitura do texto. Sugestão de pergunta:

Como a realidade social descrita pelo autor do texto difere da minha? O que chamou mais atenção no texto? Cite elementos do cotidiano, tais como comida, cheiros, nomes, entre outros.

- ✓ Seria interessante iniciar a discussão apontando temas como: o estranhamento, o etnocentrismo e a percepção das diferenças em relação ao cotidiano, introduzindo assim o tema da diversidade cultural.

Material de Apoio para a aula:

Apresentação do autor:

- ✓ **Milton Hatoum** nasceu em 1952, em Manaus (Amazonas), onde passou a infância e uma parte da juventude.
- ✓ Morou em Brasília e em São Paulo, onde fez sua graduação em Arquitetura, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.
- ✓ Trabalhou como jornalista cultural, como professor de História da Arquitetura, morou em Madri e em Paris, onde estudou literatura comparada.
- ✓ É autor de quatro romances premiados e sua obra foi traduzida em dez línguas e publicada em catorze países.
- ✓ Foi professor de literatura francesa da Universidade Federal do Amazonas (1984-1999) e professor visitante da Universidade da Califórnia (Berkeley/1996).
- ✓ É uma figura central para a difusão das culturas da região norte do país. O autor faz isso não somente através dos seus livros, mas também através da participação em eventos e feiras literárias.

Romances publicados:

Relato de um certo Oriente (1989)

Dois irmãos (2000)

Cinzas do Norte (2005)

Órfãos de Eldorado (2008)

Livro de contos: *Cidade Ilhada (2009)*

Trecho do livro:

"Em março, quando Zana já sorria e orava menos, Halim desviou a atenção dos peixes para Adamor, o peixeiro. Nós o conhecíamos. Ele voltara a frequentar a nossa rua, o Perna-de-Sapo. Era um dos mais antigos peixeiros do bairro. Antes do amanhecer, ouvíamos a sua voz de barítono amador, um grito que prolongava em eco as vogais da palavra que o ajudava a sobreviver: peixeiro. Era o canto inaugural da manhã. (...)"

"Nas mãos espalmadas, o tabuleiro. Assim parado, ele não cantava, não gritava, era um ser mudo. Tinha a perna esquerda estropiada, meio morta, e o inchaço do rosto o

impedia de abrir os olhos. Aos poucos o Perna-de-Sapo pestanejava e duas fendas muitos finas surgiam na cara suada. O sol, fraco de manhãzinha, aclarava ângulos, fachadas, árvores, corpos em movimento. Lá nas alturas, os blocos de nuvens se dissolviam com o sopro da manhã. Aqui embaixo, na calçada suja, o corpo de Domingas debruçava-se sobre o tabuleiro, as mãos apalpavam os olhos de um peixe. Ela resmungava: 'Esse matrinxã já foi fresco, agora serve para gato de rua'."

"Mas Domingas não era durona com o cascalheiro, um curumim musical que tocava notas agudas num triângulo de ferro e cantarolava. Nem era muquirana com o vendedor de pitomba e sapoti, um velho de rosto de bronze que atravessava o século vendendo frutinhas surrupiadas de terrenos baldios e quintais de casas arruinadas."

"Esses seres, que piavam de tanta pobreza, ela até ajudava. Atraía o cascalheiro, oferecia-lhe uma tapioquinha de véspera e enquanto o curumim comia, ela observava suas unhas sujas, os pés imundos, o calção puído: como podia trabalhar assim? Não tinha vergonha de tanta sujeira? Depois do ralho escolhia uns cones de cascalho para mim, dava-lhe uma moedinha, aconselhava-o: que tomasse um banho antes de sair de casa."

Trecho retirado de:

Hatoum, Milton. (2206). Dois irmãos. São Paulo. Companhia das Letras. p. 123.

Sugestão de discussão sobre etnocentrismo e diversidade cultural:

O professor pode encaminhar a discussão para os diferentes modos de viver, a existência de diferentes culturas. Seria interessante, iniciar a conversa enfatizando as diferenças de ordem prática, mais fáceis de serem reconhecidas em uma primeira abordagem, tais como as diferenças do meio urbano e do meio rural; o viver da terra; locomover-se pelo rio; ter pouco acesso à energia e etc. Diferenças que possam fazer os alunos se deslocarem e estranharem suas realidades.

O professor pode também mostrar que, quando estamos na cidade, estamos distantes não só fisicamente, mas também pelo desconhecimento sobre a região, evidenciando que é esse desconhecimento que gera, muitas vezes, o preconceito e a intolerância.

Introduzir a temática das populações tradicionais da região norte do país:

- Quem são? Indígenas, mais de 200 povos no total e mais de 180 na região amazônica; quilombolas; seringueiros; ribeirinhos; quebradeiras de coco e atingidos por barragens.

- Onde vivem? Citar o sistema de Áreas Protegidas, que inclui Terras Indígenas e Unidades de Conservação. Pode ser mencionado o fato de que muitas terras ainda não foram reconhecidas juridicamente, e que a luta pelo reconhecimento de suas terras é um grande conflito das populações tradicionais;
- Como vivem? Abordar a questão das diferenças culturais. Citar o contexto brasileiro atual, em que as populações tradicionais não estão isoladas, mas em contato com o mundo branco. E que esse contato traz transformações para a vida nas aldeias e comunidades. Explicitar o fato de que essas transformações não mudam a identidade dessas populações.

É importante esclarecer que este rápido panorama não consegue, e nem pretende, abordar todas as questões relativas aos povos tradicionais no Brasil, hoje. Poderiam ser abordadas questões mais específicas sobre cada povo, de forma que os alunos compreendessem melhor as diferenças, e tantos outros aspectos, tais como a diversidade linguística ou mesmo seus modos de se relacionar com o ambiente e suas formas de organização social e política. Pretende-se com estas aulas, despertar o interesse do aluno para a diversidade cultural e introduzir o assunto.

Para ilustrar a discussão, sugiro a exibição de um filme da série ***Índios no Brasil,*** bastante didática, realizada através da iniciativa da TV Escola, Ministério da Educação, e produzida pelo **Vídeo nas Aldeias**[1]. Cabe ao professor escolher qual vídeo se encaixa melhor ao contexto de trabalho com a classe. Se já tiverem sido feitas algumas discussões sobre cultura e etnocentrismo, talvez seja mais interessante passar um episódio mais específico, sobre algum ritual, por exemplo. Caso contrário, sugiro a exibição do primeiro filme da série: *Quem são eles?*

Todos os vídeos da série Índios no Brasil podem ser encontrados na página do Vídeo nas Aldeias, e podem ser exibidos *online* ou baixados.

Link (todos os vídeos da série): http://www.videonasaldeias.org.br/2009/indios_no_brasil.php

Link Vídeo 1: http://vimeo.com/15635463

[1] Criado em 1986, o **Vídeo nas Aldeias** (VNA), é um projeto que tem como objetivo apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas, com os quais o Vídeo nas Aldeias trabalha.

- O professor poderia concluir a atividade tecendo comentários sobre as populações tradicionais e, no caso retratado pelo filme, as populações indígenas. Evidenciar que esses povos têm traços que marcam visualmente suas diferenças em relação à população branca.
- Quais seriam esses traços? Deixar que os alunos respondam e completar, se for preciso. As roupas, as pinturas, o modo de cortar o cabelo, a casa e etc.
- Trabalhar brevemente o fato do deslocamento dessas populações, evidenciando que quando essas pessoas vêm para as cidades, muitos acabam achando que eles deixam de ser o que eram.
- O professor deve deixar claro que ser índio ou quilombola, é mais do que usar determinada roupa; é acreditar em outro sistema de valores; pensar a educação dos filhos de outra maneira, não necessariamente dentro da escola que eles frequentam; pensar a saúde de outra maneira; rezar, cantar e dançar para outros deuses; se comunicar com as pessoas de maneira diferente (às vezes sem olhar diretamente no olho, ou sem falar sobre determinados assuntos) e muitas outras diferenças.
- Por fim, o professor poderia trabalhar o conceito de **cultura**, evidenciando que os traços culturais relacionados a determinado grupo não são sempre os mesmos. Que são dinâmicos, estão em constante transformação e expansão e que se definem, sobretudo, através de intensas trocas entre os grupos culturais.

Atividade 3

Organização política: nós e os Guayaki

Objetivos:

- Estimular a reflexão e o estranhamento dos alunos com relação à forma de organização política em que vivem, de modo a perceberem que existem outras possibilidades de organização;
- Apresentar uma situação real que retrate a diversidade cultural, tornando a discussão da **Atividade 2** mais objetiva e menos teórica.

Recursos necessários: Material sobre a organização política do Brasil

Previsão de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos

Dinâmica utilizada:

- ✓ Seria interessante iniciar a aula, retomando a organização do sistema político brasileiro, a divisão de poderes, os cargos e as funções referentes a cada um deles. O professor não precisa se alongar nessa explicação, mas somente relembrar os alunos, construindo um esquema simples.
- ✓ O professor deve continuar explorando a temática da organização política, expandindo-a para outras esferas que não as do Estado Brasileiro.

Sugestão de perguntas:

1. Vocês conhecem outras formas de organização política? Quais?
2. Vocês já participaram de alguma organização política?
3. Qual o perfil das pessoas que costumam ocupar cargos políticos? Mulheres? Homens? Jovens adultos ou pessoas mais idosas?

- ✓ A partir das respostas dos alunos o professor pode conduzir a discussão de forma a mostrar que existe um modelo mais ou menos comum de organização política seguido pela sociedade branca, que vive no Brasil. É interessante apontar para organizações políticas menores, tais como grêmios estudantis; associações de bairro; a organização em condomínios residenciais, com eleições de um síndico, entre outros.
- ✓ Iniciar a discussão sobre a questão do poder e da organização política nas sociedades indígenas do Brasil. O professor poderia questionar os alunos com as seguintes perguntas:

1. Quando pensamos em índios e política, o que vem na cabeça de vocês?
2. Como vocês acham que os povos indígenas se organizam politicamente?
3. Será que é da mesma maneira, em todos os mais de 200 povos?

- ✓ O professor pode trazer exemplo da etnia que preferir. Minha sugestão é de que o professor trabalhe com os estudos produzidos por Pierre Clastres sobre o povo Guayaky, aproveitando as profundas reflexões que o autor fez a respeito da organização política deste povo. Inicialmente, seria interessante contextualizar o autor e sua obra.

Apresentação do autor:

- Pierre Clastres nasceu em Paris, França, em 1934;
- Foi diretor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS, Paris) e membro do Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France.
- Realizou pesquisas de campo na América do Sul, entre os índios Guayaki, Guarani e Yanomami;
- Começou a estudar os índios Guayaky na década de 1960;
- No livro *Crônica dos índios Guayaki – o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai,* Pierre Clastres fala sobre os modos de vida deste povo indígena, que estava prestes a se degenerar pelo contato com o mundo branco.

Livros publicados:
Crônica dos índios Guayaki (1972),
A sociedade contra o Estado (1974),
A fala sagrada - mitos e cantos sagrados dos índios Guarani (1974).

- ✓ O professor poderia trabalhar a ideia de que as sociedades indígenas não seriam sem poder, mas sociedades nas quais as relações de poder não se dariam numa relação de comando-obediência.
- ✓ Pierre Clastres sugere que a concepção que entende a coerção e a subordinação como a essência do poder, não pode ser verificada sempre nem em qualquer lugar.
- ✓ Assim, o professor pode enfatizar que esse conceito tradicional de poder é somente adequado para a realidade em que foi pensado, isto é, a realidade ocidental, de modo que em se tratando de outras realidades, como a indígena, a ideia de poder político deve ser repensada e readaptada.
- ✓ Para Pierre Clastres, a questão da definição do poder como algo baseado na dicotomia comando-obediência, isto é, como algo derivado da coerção, não se aplicaria às sociedades indígenas.
- ✓ Falando sobre um povo que estudou e com quem conviveu, os Guayaky, Pierre Clastres salienta que eles possuíam sim um chefe. No entanto, com obrigações bastante diversas daquelas que poderíamos imaginar.

- ✓ Ao chefe Guayaky cabia as funções de guiar seu grupo, além de nutri-los com palavras, bens e disposições apaziguadoras. Nenhuma função a mais, nenhum privilégio a mais. Era chefe, pois assim seu grupo escolheu.
- ✓ Se parecer, contudo, que o escolhido não mais pode realizar suas atribuições, imediatamente a sociedade o abandonará, e ele desse modo deixará de ser chefe.
- ✓ Assim sendo, este não tem poder de mando sobre aqueles que chefia, e, para nosso espanto, revela-se o contrário, isto é, que é a sociedade quem o controla e o constitui.
- ✓ No texto "Troca e poder: filosofia da chefia indígena"[2], Pierre Clastres vai além, mostrando que em muitos povos da América tropical, o chefe tem o privilégio da poligamia. Como se recebesse da sociedade a possibilidade de ter várias mulheres em troca de ter que realizar suas funções de chefia.

- ✓ Para finalizar, o professor poderia solicitar que os alunos pesquisassem informações sobre a organização política de alguma população tradicional, seja indígena ou quilombola, de forma a aumentar o repertório de conhecimento dos alunos.

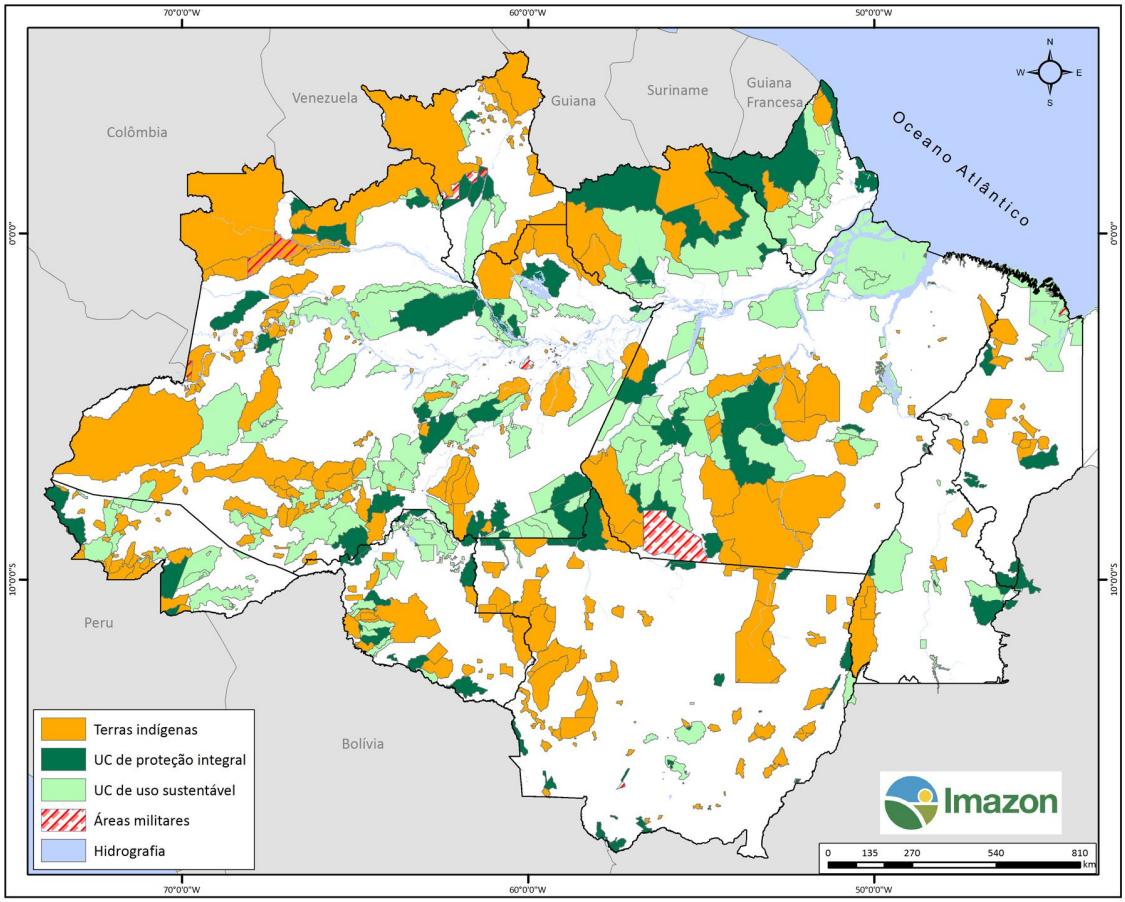
Referências bibliográficas:

- Clastres Pierre, (2003). *A Sociedade contra o Estado: pesquisas em antropologia política*. 2003. São Paulo: Cosac Naify.

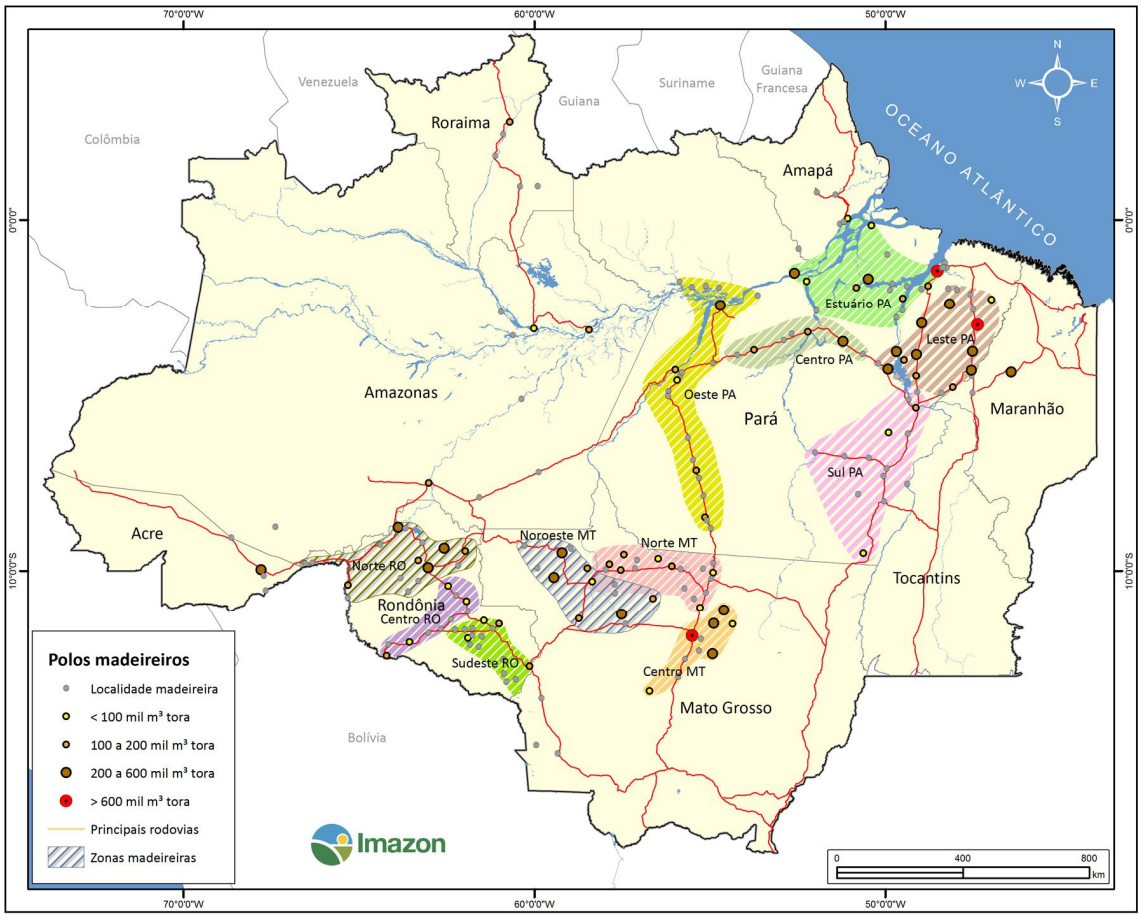
- [2] Capítulo do livro: Clastres, Pierre, (2003). *A Sociedade contra o Estado: pesquisas em antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify.

Anexos:

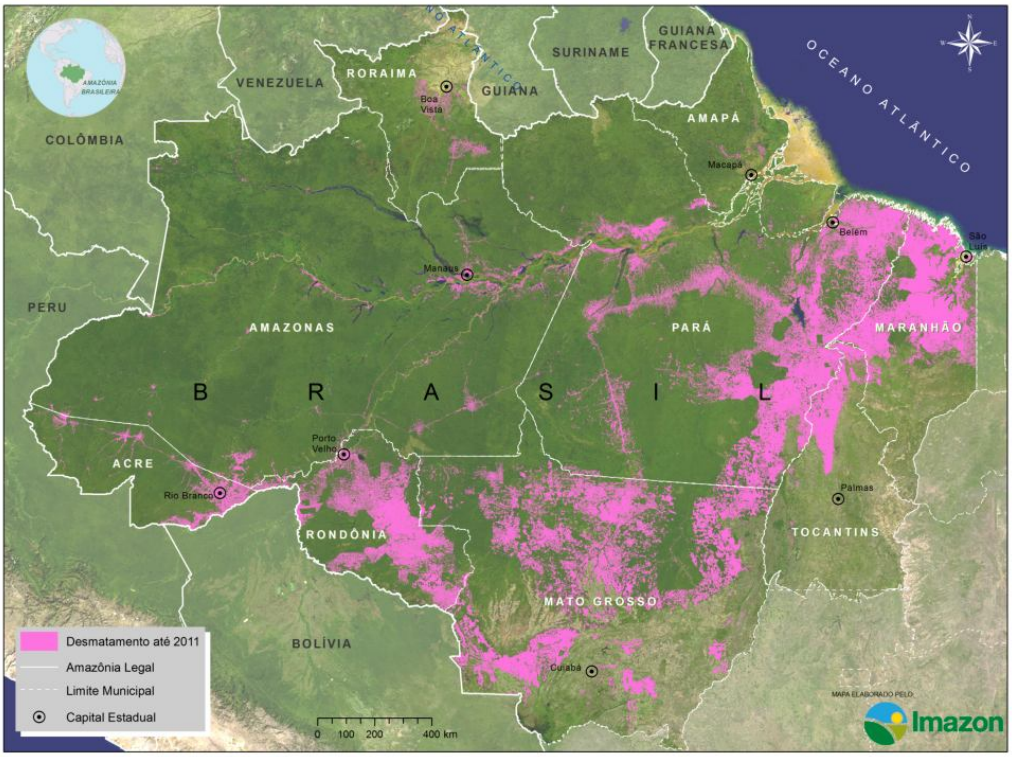
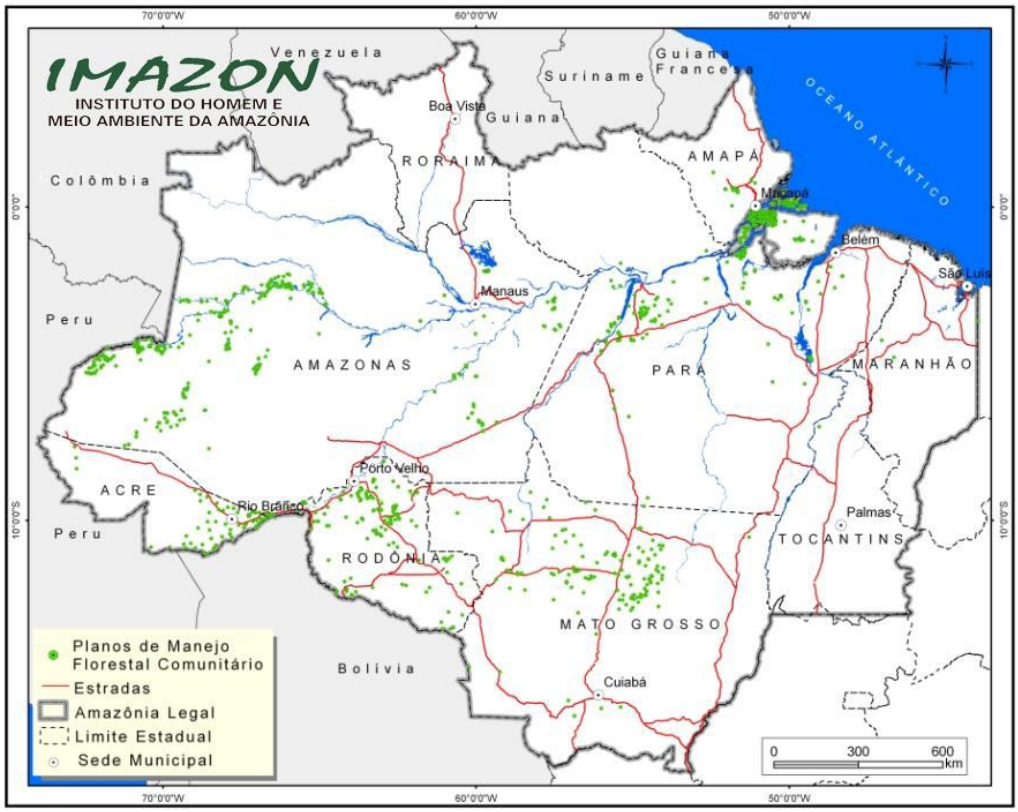
Mapa 1: Áreas Protegidas



Mapa 2: Polos Madeireiros



Mapa 3: Desmatamento acumulado até 2011



Mapa 4: Manejo Florestal Comunitário